A margarida

Hans Christian Andersen

Edição 1.0.0 · Português brasileiro

Agora escute! —

No campo, bem perto da estrada, havia uma casa de veraneio; com certeza você mesmo já a viu alguma vez! Na frente há um pequeno jardim com flores e uma cerca pintada; bem ali, à beira da vala, no meio da mais bela relva verde, crescia uma pequena margarida. O sol brilhava sobre ela com tanto calor e beleza quanto sobre as grandes e ricas flores de enfeite dentro do jardim, e por isso ela crescia de hora em hora. Certa manhã estava inteiramente aberta, com suas pequenas pétalas de um branco brilhante, dispostas como raios ao redor do pequeno sol amarelo lá dentro. Não pensava nem um pouco que ninguém a via ali na relva e que era uma flor pobre e desprezada; não, estava tão contente! Voltava-se diretamente para o sol quente, olhava para ele e escutava a cotovia que cantava no céu.

A pequena margarida estava tão feliz como se fosse um grande dia santo, embora fosse apenas uma segunda-feira. Todas as crianças estavam na escola; enquanto elas se sentavam em seus bancos e aprendiam alguma coisa, a flor ficava em seu pequeno caule verde e também aprendia, com o sol quente e tudo ao redor, como Deus é bom. Parecia-lhe que a pequena cotovia cantava com muita clareza e beleza tudo o que ela sentia em silêncio. A margarida olhava com uma espécie de reverência para a ave feliz, capaz de cantar e voar, mas não ficava nem um pouco triste por não poder fazer o mesmo. “Mas eu vejo e ouço!”, pensava. “O sol brilha sobre mim, e o vento me beija! Oh, quantos presentes recebi!”

Do outro lado da cerca havia muitas flores empertigadas e distintas; quanto menos perfume tinham, mais erguiam a cabeça. As peônias se inflavam para ficar maiores que uma rosa, mas não é o tamanho que faz a diferença! As tulipas tinham as cores mais bonitas de todas, sabiam muito bem disso e se mantinham tão eretas para que todos as vissem ainda melhor. Não davam a menor atenção à pequena margarida lá fora, mas ela olhava ainda mais para elas e pensava: "Como são ricas e belas! Sim, com certeza aquela magnífica ave desce até elas para visitá-las! Graças a Deus estou tão perto; assim ao menos poderei ver essa pompa!" E, bem quando pensava nisso, "quirrevit!", lá veio a cotovia voando, mas não desceu até as peônias e as tulipas; não, desceu à relva, até a pobre margarida, que ficou tão assustada de pura alegria que nem sabia mais o que pensar.

A pequena ave dançava ao redor dela e cantava: "Ora, como a relva é macia! E vejam que florzinha doce, com ouro no coração e prata no vestido!" O pontinho amarelo da margarida realmente parecia ouro, e as pequenas pétalas ao redor eram de um branco prateado e brilhante.

Ninguém pode imaginar como a pequena margarida estava feliz! A ave a beijou com o bico, cantou para ela e depois tornou a voar para o céu azul. Com certeza passou um quarto de hora inteiro antes que a flor conseguisse se recompor. Um pouco envergonhada e, no entanto, contente de todo o coração, olhou para as flores do jardim. Elas tinham visto a honra e a felicidade que lhe haviam acontecido; deviam entender que alegria era aquela! Mas as tulipas estavam duas vezes mais empertigadas que antes, com o rosto tão pontudo e tão vermelho, pois tinham ficado irritadas. As peônias estavam inteiramente de cabeça inchada; bu! Ainda bem que não sabiam falar, senão a margarida teria levado uma bela reprimenda. A pobre florzinha bem podia ver que elas não estavam de bom humor, e isso lhe causava uma profunda tristeza. Naquele instante apareceu no jardim uma menina com uma faca

grande, tão afiada e brilhante; foi direto ao meio das tulipas e cortou uma depois da outra. “Ui!”, suspirou a pequena margarida. “Que horror! Agora acabou para elas!” Então a menina foi embora com as tulipas. A margarida estava contente por ficar lá fora, na relva, e ser uma florzinha pobre; sentia-se muito agradecida e, quando o sol se pôs, dobrou as pétalas, adormeceu e sonhou a noite inteira com o sol e a pequena ave.

Na manhã seguinte, quando a flor, novamente feliz, estendeu todas as pétalas brancas como pequenos braços para o ar e a luz, reconheceu a voz da ave; mas era tão triste o que ela cantava! Sim, a pobre cotovia tinha bons motivos para isso: fora capturada e agora estava numa gaiola, bem perto da janela aberta. Cantava sobre voar livre e feliz, sobre o cereal novo e verde no campo e sobre a bela viagem que poderia fazer com suas asas, bem alto no céu. A pobre ave não estava de bom humor: ficava ali presa na gaiola.

A pequena margarida queria tanto ajudar! Mas como poderia fazer isso? Sim, era difícil descobrir. Esquecia por completo como tudo ao redor era bonito, como o sol brilhava quente e como suas pétalas eram belas e brancas. Ah, só conseguia pensar na ave prisioneira, por quem não era capaz de fazer coisa alguma.

Naquele instante saíram do jardim dois meninos pequenos. Um deles tinha na mão uma faca, grande e afiada como a que a menina usara para cortar as tulipas. Foram direto até a pequena margarida, que não conseguia entender o que queriam.

“Aqui podemos cortar um belo torrão de relva para a cotovia!”, disse um dos meninos, e começou a cortar fundo em forma de quadrado, ao redor da margarida, de modo que ela ficou bem no meio do torrão.

“Arranque essa flor!”, disse o outro menino, e a margarida tremia de medo, pois ser arrancada era perder a vida; agora queria tanto viver, já que iria, com o torrão, para a gaiola da cotovia prisioneira!

“Não, deixe-a ficar!”, disse o outro menino. “Ela enfeita tão bem!” E assim ela ficou onde estava e foi para dentro da gaiola com a cotovia.

Mas a pobre ave lamentava em voz alta a liberdade perdida e batia as asas contra os arames de ferro da gaiola. A pequena margarida não sabia falar, não podia dizer uma palavra de consolo, por mais que desejasse. Assim passou toda a manhã.

“Aqui não há água!”, disse a cotovia prisioneira. “Todos saíram e se esqueceram de me deixar uma gota para beber! Minha garganta está seca e ardendo! Há fogo e gelo dentro de mim, e o ar está tão pesado! Ah, vou ter de morrer, longe da luz quente do sol, do verde fresco, de toda a beleza que Deus criou!” Então enfiou seu pequeno bico no torrão fresco para se reanimar um pouco. Seus olhos caíram sobre a margarida; a ave fez um aceno para ela, beijou-a com o bico e disse: “Você também terá de murchar aqui dentro, pobre florzinha! Deram-me você e esse pequeno pedaço de relva verde em troca de todo o mundo que eu tinha lá fora! Cada folhinha de relva deverá ser para mim uma árvore verde; cada uma de suas pétalas brancas, uma flor perfumada! Ah, vocês só me dizem quanto perdi!”

“Se ao menos alguém pudesse consolá-lo!”, pensava a margarida, mas não conseguia mover uma pétala. O perfume que emanava das delicadas pétalas, porém, era muito mais forte do que o habitual nessa flor. A ave também o percebeu e, embora definhasse de sede e, em sua dor, arrancasse as folhas verdes da relva, não tocava na flor.

Chegou a noite, e ninguém ainda viera trazer uma gota d'água à pobre ave. Então ela estendeu suas belas asas e as sacudiu em convulsões; seu canto era um piu-piu triste. A pequena cabeça se inclinou para a flor, e o coração da ave se partiu de privação e saudade. A flor já não podia, como na noite anterior, fechar as pétalas e dormir; pendia doente e aflita em direção à terra.

Só na manhã seguinte os meninos chegaram. Quando viram a ave morta, choraram, choraram muitas lágrimas, e lhe cavaram uma bonita sepultura, enfeitada com pétalas de flores. O corpo da ave foi posto numa bela caixa vermelha. Seria enterrada como um rei, a pobre ave! Enquanto vivia e cantava, eles se esqueciam dela, deixavam-na na gaiola sofrendo privações; agora lhe davam pompa e muitas lágrimas.

Mas o torrão com a margarida foi jogado na poeira da estrada. Ninguém pensou nela, que, no entanto, sentira mais do que todos pela pequena ave e tanto desejava consolá-la!

Texto e edição: As Verdadeiras Histórias
Tradução: Codex · tradução assistida por IA
Revisão: Codex · revisão independente por IA
Produção: Bons Filhos Educação
https://verdadeirashistorias.com.br/contos/a-margarida